



Na trilha do (inter)discurso: apontamentos metodológicos para a análise discursiva de materiais jornalísticos

Nara Lya Cabral Scabin¹

Universidade Anhembi Morumbi (UAM)
Universidade de São Paulo (USP)

Resumo: Este artigo visa a discutir aspectos relativos à transposição e adaptação de conceitos da Análise do Discurso, a partir de proposições de Dominique Maingueneau, a *corpora* compostos por materiais jornalísticos. Para isso, baseamo-nos em reflexões desenvolvidas no âmbito de pesquisa de doutorado junto ao PPGCOM da ECA-USP, a qual propõe uma análise discursiva da cobertura de jornais brasileiros sobre a emergência dos debates em torno de políticas identitárias no país, entre 1978 e 2018. O foco do trabalho é compreender como os jornais compreendem, representam e traduzem os discursos políticos que refletem uma ruptura epistemológica fundamental da pós-modernidade: a emergência de uma nova subjetividade política, em que o fator identitário constitui elemento decisivo de mobilização.

Palavras-chave: Análise do Discurso; políticas de identidade; subjetividade; jornalismo; comunicação.

1. Introdução

¹ Docente dos cursos de Jornalismo e Relações Públicas da Universidade Anhembi Morumbi (UAM). Doutoranda em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da USP com bolsa CAPES, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Mayra Rodrigues Gomes, e Mestra em Ciências da Comunicação pela mesma instituição. E-mail: nara.cabral@usp.br.

Este artigo pretende discutir aspectos da Análise do Discurso, especificamente em sua vertente francesa, transpostos e adaptados a *corpora* compostos por materiais jornalísticos. As considerações aqui apresentadas vêm sendo desenvolvidas no âmbito de pesquisa de doutorado conduzida junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

No referido projeto, buscamos traçar uma genealogia dos discursos que engendram um “novo imaginário político” (FRASER, 2006) na contemporaneidade, entendido a partir da emergência de disputas identitárias, sobretudo em seus desdobramentos em embates em torno de padrões representacionais, com destaque àqueles ligados a controvérsias em torno do papel da linguagem e das palavras. Elegemos como foco de atenção as disputas identitárias que emergem nas representações construídas do debate público por jornais brasileiros de referência, de circulação nacional e expressiva tiragem.

Com as transformações sociais ocorridas nas décadas de 1980 e 1990 no Brasil, principalmente com a implementação da política neoliberal, surge e ganha destaque na cena pública a forma de mobilização em organizações não-governamentais. É possível observar relações significativas entre muitas das ações dessas novas formas de mobilização social e posicionamentos alinhados aos ideais do multiculturalismo (HALL, 1994). Destacam-se a organização de grupos organizados de mulheres, grupos ligados à defesa de direitos dos homossexuais e movimentos negros, que se voltam à construção de identidade, engajando-se na luta contra a discriminação (GOHN, 2013).

Nesse contexto complexo de reestruturação das relações de produção, marcado pela emergência do capitalismo financeiro, é que disputas identitárias – como as ligadas ao debate em torno do *empoderamento* de minorias sociais e às polêmicas em torno do chamado “politicamente correto” – adquirem visibilidade no Brasil. As discussões sobre tais temáticas ilustram um quadro mais amplo de rearticulações nos modos de fazer político tradicionais. Como aponta Hall (1994), a emergência das chamadas “políticas de identidade” são um fator decisivo nesse cenário, que devem ser entendidas à luz da “centralidade da cultura na constituição da subjetividade, da própria identidade e da pessoa como um ator social” (HALL, 1997, p. 23).

Construídas – mas nunca fixadas – culturalmente, as identidades constituem-se no interior das fronteiras que marcam as diferenças – lugares, como aponta Hall (1997),

de potenciais contestações dos sentidos, isto é, de *políticas de identidade*. Quando os padrões de representações não são vividos, por diversos grupos sociais, como capazes de *representá-los*, podem emergir reivindicações de definições alternativas que proponham novos conjuntos de representações. Isso pode levar à contestação da autoridade cultural das representações já apresentadas e ao surgimento de um foco diferente de identificação – ou seja, uma nova “política de identidade” (HALL, 1997).

Esses dados participam de um contexto que Nancy Fraser (2006) caracteriza como marcado pela luta por reconhecimento tornando-se a forma paradigmática de conflito político. Essas demandas em nome do “reconhecimento da diferença” alimentam as lutas de grupos articulados em torno de eixos identitários, tais como etnia, gênero e sexualidade. Nestes conflitos “pós-socialistas”, segundo Fraser, “a dominação cultural suplanta a exploração como a injustiça fundamental. E o reconhecimento cultural toma o lugar da redistribuição socioeconômica como remédio para a injustiça e objetivo da luta política” (FRASER, 2006, p. 231).

Diante desse complexo contexto de rearticulações deslizamentos político-discursivos, propomos, na pesquisa de que trata este artigo, não apenas mapear os *discursos circulantes* (CHARAUDEAU, 2010) em sua apreensão e tradução pelo discurso midiático, como também, elegendo o *espaço interdiscursivo* como foco de análise (MAINGUENEAU, 2008), compreender o papel desempenhado pelos discursos jornalísticos nos embates identitários contemporâneos.

Partimos da investigação em acervos jornalísticos, considerando o período de 1978 a 2018 e concentrando-nos em veículos de grande circulação: *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo* e *O Globo*. Esperamos, assim, compreender a circulação de sentidos entre diferentes instâncias midiáticas e localizar, em relação às disputas discursivas em foco, o papel desempenhado pela esfera midiática do jornalismo.

Do ponto de vista teórico-metodológico, temos, como pano de fundo em nosso horizonte conceitual, a visada de Michel Foucault sobre os discursos e formações discursivas; como conceitos operativos, invocamos a semântica global dos discursos conforme proposta por Dominique Maingueneau. Pretendemos, dessa forma, reconhecer o papel das mídias jornalísticas na em sua tarefa de *traduzir*, em uma perspectiva interdiscursiva, os discursos que compõem os embates em foco.

2. De Michel Foucault a Dominique Maingueneau

De Maingueneau, destacamos aquela que, segundo Sírio Possenti – um dos tradutores e estudiosos do pensador francês no Brasil –, é sua obra mais importante: *Gênese dos discursos*. Em sua apresentação à edição brasileira, afirma Possenti que o livro trabalha com conceitos fundadores da análise do discurso, ao mesmo tempo em que – por não discutir a natureza do sentido e de sua relação com a língua – propõe um enfoque *menos linguístico* ou *menos gramatical* do que os analistas do discurso em geral. Por um lado, Maingueneau está mais próximo de Foucault do que de Althusser ou Lacan, por exemplo; por outro, por entender que todo discurso é caracterizado por uma *semântica global*, debruça-se sobre o enunciado – entendido não como uma sentença ou oral, mas como a própria superfície textual (POSSENTI, 2008).

Para além de sua abordagem teórico-conceitual – que procuraremos aprofundar a seguir –, destacamos aqui *Gênese dos discursos*, dentre a vasta obra de Maingueneau, tendo em vista seu caráter metodológico, o que equivale a dizer que a obra traça um programa de pesquisa que pode contribuir – consideradas a devida distância e adaptações necessárias – à abordagem de *corpora* tão diversos daquele analisado pelo autor como o que focalizamos nesta pesquisa.

O objetivo de Maingueneau, na obra, é distanciar-se tanto de uma visão que, ao analisar o funcionamento textual, privilegia as estruturas significantes, quanto de abordagens que sacrificam a textualidade em prol de uma hermenêutica histórica e que, a fim de vislumbrar não-ditos que se busca interpretar, “desmancham” os enunciados. Para o autor que aqui focalizamos, por sua vez, interessa constituir um método de análise discursiva capaz de conciliar tanto historicidade e textualidade, já que os discursos constituem objetos ao mesmo tempo como “integralmente linguísticos e integralmente semióticos” (MAINGUENEAU, 2008, p. 16).

Para alcançar esse objetivo, defende ser preciso afastar-se de um olhar estruturalista, que, privilegiando os “cortes” e “rupturas”, desconsidera os problemas ligados à gênese dos discursos e, ao mesmo tempo, tem na dificuldade de compreender a relação de um discurso com seu exterior seu maior ponto fraco. O que busca Maingueneau, en-

ção, é perseguir as problemáticas da *gênese* e da *interdiscursividade*, a fim de compreender o discurso por meio do interdiscurso.

Buscamos, na pesquisa de que trata este artigo, dialogar com o programa defendido por Maingueneau: superar a dicotomia entre profundidade e superfície dos discursos, mais do que propor pontos entre um nível e outro. É preciso, para isso, distinguir entre alguns conceitos fundamentais: *formação discursiva*, *superfície discursiva* e *discurso*. Para o autor, a formação discursiva corresponde a um “sistema de restrições de boa formação semântica” e opõe-se à superfície discursiva, que diz respeito ao “conjunto de enunciados produzidos de acordo com esse sistema”, isto é, o sistema de restrições da formação discursiva (MAINGUENEAU, 2008, p. 20).

Como o próprio Maingueneau destaca, é possível traçar uma analogia entre seu conceito de superfície discursiva e a noção de “discurso” em Foucault, que, como se sabe, compreende um conjunto de enunciados decorrentes de uma mesma formação discursiva. Maingueneau, por sua vez, utilizará o termo “discurso” em referência à relação que os conceitos de “formação discursiva” e “superfície discursiva”, aproximando-se do uso coloquial que fazemos da palavra “discurso”. Em outros termos, trata-se do conjunto virtual de enunciados que podem ser produzidos a partir das restrições de uma formação discursiva dada.

Embora possa parecer, à primeira vista, um pormenor pouco relevante, a distinção verificada na tomada que Maingueneau faz do conceito de discurso em relação à proposta foucaultiana é indicativa de um aspecto fundamental da análise discursiva empreendida pelo autor. Para ele, o analista do discurso deve considerar, na constituição de seus *corpora*, não apenas do que de fato *foi dito*, mas também o que *pode ser dito* a partir da análise de uma formação discursiva, em seus aspectos semânticos próprios.

Se o jogo das restrições que definem a “língua”, a de Saussure e dos linguistas, supõe que não se pode dizer tudo, o discurso, em outro nível, supõe que, no interior de um idioma particular, para uma sociedade, para um lugar, um momento definidos, só uma parte do dizível é acessível, que esse dizível constitui um sistema e delimita uma identidade (MAINGUENEAU, 2008, p. 16).

A partir de sua concepção particular das formações discursivas, Maingueneau formula o conceito de *competência discursiva*, que visa a integrar a dimensão histórica a uma noção cognitiva e discute o papel do sujeito nos fenômenos discursivos. A partir

desse conceito, reforça-se a possibilidade de se analisar o que *pode ser dito*, e não apenas do que de fato *foi dito*, a partir da análise de uma formação discursiva, em seus aspectos semânticos próprios. O autor, nesse sentido, defende a hipótese de que os discursos são inscritos sócio-historicamente, inscrição essa que passa pelo sistema de restrições semânticas de cada formação discursiva.

Por isso, o foco principal do analista do discurso, para Maingueneau, deve ser a compreensão da *semântica global* de um discurso – ou espaço discursivo –, cuja determinação advém das restrições da formação discursiva à qual se vincula cada discurso. Nas palavras do autor, “Um procedimento que se funda sobre uma semântica “global” não apreende o discurso privilegiando esse ou aquele dentre seus “planos”, mas integrando-os todos ao mesmo tempo, tanto na ordem do enunciado quanto na da enunciação” (MAINGUENEAU, 2008, p. 75). Os vários planos discursivos elencados pelo autor incluem aspectos como: a) intertextualidade; b) vocabulário; c) temas; d) estatutos do enunciador e do enunciatário; e) a dêixis enunciativa; f) o modo de enunciação; e g) o modo de coesão.

A partir do desenho geral de sua semântica global, o autor propõe, como caminho à análise discursiva, a identificação do que denomina como *isomorfismo* (MAINGUENEAU, 2005). A partir das investigações traçadas pelo autor, entendemos a análise dos isomorfismos como meio para se compreender como e por que determinados discursos se tornam dominantes em determinado momento histórico. Nesse sentido, é preciso que olhemos as produções discursivas sem excluir-lhes as ligações sócio-históricas, mas também sem anular as singularidades de cada tipo de estrutura textual, ou seja, sem que se focalize apenas seu conteúdo ideológico.

Com base em tal conceituação de discurso, Maingueneau formula sua hipótese sobre o *primado do interdiscurso*: a heterogeneidade, para o autor, é constitutiva do discurso e vincula, de modo inseparável, o Mesmo do discurso e seu Outro. Nessa perspectiva, os discursos não nascem de maneira independente e não se trata de serem postos por circunstâncias variáveis posteriormente em relação; ao contrário, os discursos já nascem em relação com os outros – ou, de modo mais específico, com o seu Outro. É da *alteridade* que o discurso extrai sua *identidade*. A propor tal formulação, o autor dialoga

com diversas correntes das ciências humanas que colocam em cena a questão da relação entre diversos textos ou discursos – o que não se daria ao acaso:

[Essa convergência] Tem lugar no conjunto da problemática da enunciação e dá testemunho de um desses impulsos que atravessam todo um campo de pesquisas durante certo número de anos. Mesmo que seja mais do que duvidoso que entre o “Outro” da psicanálise lacaniana, por exemplo, e os “Outros” das teorias da enunciação, da ideologia ou do discurso existam pontos de coincidência precisos e interessantes, essas formulações aparentemente próximas quanto ao caráter “polifônico” da fala ou do descentramento do sujeito de enunciação contribuem para suscitar uma espécie de unanimidade (MAINGUENEAU, 2008, p. 32).

Seria equivocado, portanto, considerar o Outro como algo externo ao discurso, “um fragmento localizável, uma citação”; em lugar disso, é preciso encará-lo como estando “presente na raiz de um mesmo sempre já descentrado em relação a si próprio, que não é em momento algum possível de ser considerado sob a figura de uma plenitude autônoma”, pois constitui “aquela parte de sentido que foi necessário o discurso sacrificar para constituir a própria identidade” (MAINGUENEAU, 2008, p. 37).

É preciso, por tudo isso, observar que a gênese discursiva como descrita por Maingueneau permite ao analista empreender um olhar que focalize mais do que rupturas e discontinuidades, já que o discurso “segundo” não faz desaparecer imediatamente o discurso “primeiro”, e não raro não o faz desaparecer de todo. Temos, portanto, um período de coexistência entre discursos, de duração variável e marcado por conflitos mais ou menos abertos.

O espaço discursivo tem então um duplo estatuto: pode-se apreendê-lo como um modelo dissimétrico que permite descrever a constituição de um discurso, mas também como um modelo simétrico de interação conflituosa entre dois discursos para os quais o outro representa totalmente ou em parte o seu Outro. É esse último aspecto, o de um processo de dupla tradução, que vai nos interessar essencialmente (MAINGUENEAU, 2008, p. 40).

Em relação a esse último ponto colocado por Maingueneau, o da “tradução”, é preciso observar que se trata de uma formulação de importância fundamental à presente pesquisa. Estudando a interação entre discursos de um mesmo espaço discursivo, o autor aponta a própria condição de possibilidade das diversas posições enunciativas como derivada de um processo de *interincompreensão* generalizada, definida pela rede de interação semântica do espaço em questão.

Essa concepção nos é fundamental, na medida em que permite afirmar não haver dissociação entre o fato de um enunciador produzir enunciados de acordo com as regras da formação discursiva em que se situa e sua impossibilidade de compreender os enunciados de seu Outro: trata-se, ao contrário, das duas faces de um único fenômeno. Isso ocorre porque, segundo a semântica global descrita pelo autor, cada discurso é delimitado por uma grade semântica que funda o “desentendimento recíproco”: “cada discurso repousa, de fato, sobre um conjunto de semas repartidos em dois registros: de um lado, os semas ‘positivos’, reivindicados; de outro, os semas ‘negativos’, rejeitados” (MAINGUENEAU, 2008, p. 99).

Uma vez que “a cada posição discursiva se associa um dispositivo que a faz interpretar os enunciados de seu Outro traduzindo-os nas categorias do registro negativo de seu próprio sistema”, a noção de “tradução” em Maingueneau diz respeito à “passagem de uma interpretação a outra, sem tocar na estabilidade do significante linguístico”, fenômeno ligado “à constituição de formações discursivas que remetem, para além delas mesmas, a descontinuidades sócio-históricas irreduzíveis” (MAINGUENEAU, 2008, pp. 100-101). Essa noção de tradução – a partir da qual se pode inferir que o Mesmo só pode falar do Outro por meio de seu *simulacro*, como diz o autor – é iluminadora para pensarmos, neste trabalho, a relação estabelecida pelo discurso midiático com os discursos políticos que busca traduzir.

A problemática que se coloca diz respeito à impossibilidade de, pela análise de enunciados midiáticos – foco do presente trabalho –, ler os discursos políticos tal qual foram enunciados, já que estaremos diante de uma sempre irreversível tradução. Ao mesmo tempo, porém, não se pode desconsiderar que o discurso midiático, ao refletir – ainda que de modo “deformante – algo dos discursos políticos, dão testemunho da existência destes, que se revelam como presença subvertida em enunciados jornalísticos. Como bem coloca Carlo Ginzburg, ao defender a possibilidade de se encontrar a voz e “visão de mundo” dos perseguidos por meio da análise de documentos inquisitoriais, “não se pode jogar o bebê fora com a água suja”².

Em nosso caso, estamos interessados em compreender como os enunciados jornalísticos representam ou traduzem os discursos políticos ligados à constituição de uma

² Ver *O queijo e os vermes*.

nova subjetividade política, como temos apontado, vinculada à emergência do fator identitário como elemento central de mobilização. Interessa-nos analisar, nesse sentido, o componente de tradução dessa relação – ou, em outros termos, a interdiscursividade que se constrói entre os campos midiático e político a propósito da temática em foco neste trabalho.

Se seguimos fielmente a nomenclatura apresentada por Maingueneau, o mais adequado seria propormos o termo *transdiscursividade* para referirmo-nos à relação entre diferentes campos discursivos, já que o conceito de *interdiscursividade* é empregado pelo autor prioritariamente para referir-se à relação entre discursos em um mesmo espaço discursivo. Por meio dessa abordagem, esperamos encontrar índices da presença do discurso traduzido, mas buscamos sobretudo mapear as restrições que regem as traduções construídas pelo discurso midiático, indicativas das formações discursivas que alimentam o campo jornalístico.

Em um sentido mais amplo, como que reduzindo o *zoom* com que focalizamos os fenômenos discursivos, propomos também desdobrar o olhar acerca da relação entre campos político e midiático de modo a tomá-los, ambos, como discursos que se relacionam em um recorte mais abrangente. Em outras palavras, os discursos político e midiático em foco podem ser tomados como integrantes de formações discursivas concorrentes que se relacionam no interior da esfera pública.

Em uma relação de interdiscursividade como a descrita por Maingueneau em relação ao espaço discursivo, o discurso político das disputas identitárias da contemporaneidade e o discurso jornalístico dito hegemônico ou tradicional concorrem em um mesmo espaço discursivo, circunscrito no interior de um campo político *lato sensu*, isto é, de um campo em que se debatem e definem, institucionalmente, as regras que ditam a vida pública em uma sociedade. Tanto o discurso midiático, quanto o político *stricto sensu*, participam desse campo.

Nesse sentido, podemos entender *o discurso político que tem no fator identitário seu fator principal de mobilização*³ como ligado a uma formação discursiva⁴ marcada-

³ Por ora, na falta de termo mais específico, referiremos a esse discurso por meio da expressão destacada e expressões correlatas, em geral paráfrases que indicam a mesma ideia.

mente pós-moderna. Já o discurso jornalístico tradicional liga-se a uma formação discursiva que pode ser considerada tipicamente moderna. Em suma, investigar como o jornalismo traduz uma formação discursiva tipicamente pós-moderna é um caminho para compreender os valores e imaginários que alimentam não apenas sua compreensão sobre si mesmo, como também sua compreensão sobre a vida pública.

3. Aspectos para uma análise discursiva de materiais jornalísticos

Segundo a proposta de análise discursiva apresentada por Maingueneau (2008, p. 48), para definir o sistema de restrições semânticas de uma formação discursiva, é preciso “definir operadores de individuação”, filtros que fixam critérios que permitem distinguir certos textos como pertencendo a um discurso determinado.

Esses operadores determinam o dizível de um campo discursivo por meio da incidência simultânea sobre universos intertextuais – espaços próprios de cada discurso em que se estabelecem relações, circulam actantes, apresentam-se textos e narrativas – e dispositivos retóricos disponíveis para a enunciação no âmbito um discurso dado. Para Maingueneau – e esta é uma das marcas de seu pensamento que o distanciam de Foucault –, o modo como um discurso mobiliza esses dois domínios é regido por um sistema de restrições único entendido como uma *competência discursiva*.

Enquanto Foucault focaliza os acontecimentos discursivos, Maingueneau (2008) entende os acontecimentos como dependentes de uma competência discursiva – a qual, como frisa o autor, não deve ser entendida como competência meramente linguística ou gramatical. Se invocamos as palavras de Maingueneau, é porque buscamos neste trabalho focalizar o atravessamento do discurso jornalístico por formações discursivas a partir da concepção de um *sistema de restrições semânticas globais*. Por outro lado, à semelhança de Foucault, partimos da análise das *coisas ditas*, dos enunciados efetivamente formulados como objeto de estudo, dada a natureza de nosso *corpus*.

Do diálogo entre os dois pensadores, buscamos traçar um percurso analítico capaz de dar conta tanto de rupturas quando de invariâncias discursivas – e, em particular,

⁴ Aqui, ao falarmos sobre “formação discursiva”, referimo-nos preferencialmente ao conceito de Foucault do que ao de Maingueneau, já que, para o primeiro, trata-se de um conjunto de discursos constituídos segundo sistema semelhante de dispersão.

esperamos identificar as rupturas como *meio* para a descrição mais efetiva de invariâncias. Em outros termos, só será possível identificar regularidades, em nosso horizonte de pesquisa, se houver também a possibilidade de identificar as áreas limítrofes dos discursos, sua delimitação recíproca, alteridade como fator de identidade.

Para alcançar esses objetivos, mantemos, em nosso horizonte epistemológico mais amplo, as proposições de Foucault (2008) acerca das imbricações entre discurso, verdade e poder e sobre os modos de controle e regulação discursiva. Da perspectiva foucaultiana sobre o discurso, extraímos também uma ênfase predominantemente histórica, preocupada com as sequências enunciativas efetivamente formuladas. Ao mesmo tempo, recorreremos às formulações de Maingueneau a propósito da semântica global do discurso, mediante algumas remodelações, pois essas proposições constituem para nós ferramentas úteis à identificação de regularidades – e também rupturas – nos discursos que emergem nos jornais e, dessa forma, possibilitam compreender as tensões que se colocam entre formações discursivas diversas no jornalismo a propósito das disputas identitárias que emergem na contemporaneidade.

Com base nos diversos planos discursivos elencados por Maingueneau (2008), cabe aprofundar aqueles que se revelam relevantes ao objeto e *corpus* de pesquisa aqui considerados, esclarecendo as nuances específicas por meio das quais são entendidos:

- Enquadramentos temáticos. Para Maingueneau (2008, p. 82), “o importante não é o tema, mas seu tratamento semântico”. Essa consideração nos é relevante porque, embora todas as matérias jornalísticas de nosso *corpus* compartilhem de enfoques temáticos semelhantes – todas abordam discussões relacionadas a um mesmo conjunto de eixos identitários, muitas das quais com foco discussões e iniciativas relacionadas às chamadas políticas de identidade –, cabe identificar, ao longo da análise discursiva proposta, o(s) tratamento(s) semântico(s) conferido(s) aos temas abordados. Diferentes tratamentos semânticos podem referir-se a diferentes sistemas de restrição, indicativos do atravessamento dos enunciados jornalísticos por formações discursivas diversas. Em um primeiro momento, os enquadramentos temáticos podem ser avaliados em função das diferentes editoriais ou cadernos em que as matérias jornalísticas de nosso *corpus* foram publicadas.

- Marcas de intertextualidade. Segundo Maingueneau (2008), a intertextualidade interna diz respeito à recuperação de discursos no interior do campo discursivo, enquanto a intertextualidade externa diz respeito ao estabelecimento de relações com outros campos; em ambos os casos, intervém os sistemas de restrições próprios de cada formação discursiva. No caso de nosso objeto de estudo, as duas formas de intertextualidade nos interessam: tanto a intertextualidade interna, dada pela citação de textos fundadores do ideário do jornalismo, quanto – e sobretudo – a intertextualidade externa, dada pela referência, nas matérias jornalísticas, a discursos provenientes de diferentes campos sociais, os quais frequentemente produzem interdições uns sobre os outros.
- Representações dos eixos identitários focalizados. Neste plano de análise, interessam-nos tanto o vocabulário apresentado nos enunciados jornalísticos como forma de representar os eixos identitários em foco – como assinala Maingueneau (2008), as palavras possuem interesse para a análise discursiva quando, em sua reiteração, representam pontos de cristalização semântica de discursos –, quanto as imagens construídas/invocadas por meio da linguagem como forma de representação desses grupos.
- Modos de incorporação do discurso alheio relatado. Correlatos do que Maingueneau (2008) denomina como “modo de coesão” de um discurso, os modos de incorporação do discurso alheio relatado dizem respeito às formas por meio das quais os enunciados jornalísticos constroem suas redes de remissões internas; dito de outro modo, interessa-nos compreender os modos por meio dos quais se constroem, nas matérias jornalísticas, o *encadeamento* e o *recorte discursivos*. Por meio do mapeamento das referências ao discurso alheio relatado e das formas pelas quais ele é apresentado – que podem implicar, por exemplo, em estratégias de citação direta ou indireta –, torna-se possível compreender a quais vozes os jornais analisados concedem visibilidade e que tipo de visibilidade lhes é concedida.

Para além dessas dimensões discursivas, Maingueneau (2008) elenca também as questões do *estatuto do enunciador e do enunciatário* – relativo às dimensões institucionais da enunciação, ao “estatuto que o enunciador deve se atribuir e o que deve atribuir

a seu destinatário para legitimar seu dizer” (2008, p. 87) –, da *dêixis enunciativa* – dimensão espaço-temporal a partir da qual um discurso se organiza – e do modo de enunciação – gênero e tom do discurso.

Esses aspectos também passarão a análise discursiva que propomos neste trabalho, uma vez que os elementos do contrato de comunicação midiática, as políticas editoriais dos veículos de impressas focalizados, os critérios de noticiabilidade e os gêneros e recursos estilísticos dos textos jornalísticos permanecerão em nosso horizonte ao longo de toda a pesquisa. Não obstante, não destacamos esses três aspectos na enumeração proposta acima pois entendemos que eles dizem respeito a condições de base da formação discursiva de que investe o jornalismo e, portanto, são consideradas desde procedimentos metodológicos precedentes, como a constituição do *corpus* de pesquisa e a categorização dos dados empíricos a serem analisados.

4. Considerações finais

Recorremos ao estabelecimento de diálogos entre os pensamentos de Michel Foucault e Dominique Maingueneau como caminho à constituição do quadro teórico-metodológico que orienta a pesquisa de que trata este artigo tendo em vista a especificidade do objeto de estudo em foco: não estamos diante de uma análise dos saberes, como propõe Foucault, o que no mínimo dificulta a proposta de perseguir grades rachaduras epistemológicas; ao mesmo tempo, tampouco partimos de *corpora* representativos de uma formação discursiva bem delimitada e coesa, como o faz Maingueneau em sua análise dos discursos jansenista e humanista devoto.

Nosso *corpus*, neste trabalho, é compósito, complexo, atravessado por diversas formações discursivas e, assim, marcado pela coexistência de diferentes regimes de restrição semântica globais: é assim que Charaudeau (2010) caracteriza o discurso midiático. Interessa-nos, nesta pesquisa, compreender de que modo, nos enunciados jornalísticos, hierarquizam-se as diferentes formações discursivas que os atravessam, como as restrições de cada formação discursiva atuam sobre os dispositivos de enunciação midi-

ática, como o jornalismo traduz discursos provenientes de outros campos sociais, que interdições se produzem dessas múltiplas traduções.

Assim, há um dado que deve ser salientado como elemento fundamental a ser considerado por estudos que buscam transpor conceitos da Análise do Discurso, seguindo a vertente teórica aqui discutida, a *corpora* constituídos por materiais midiáticos: especialmente no caso dos textos jornalísticos, não é possível restringi-los, *a priori*, a enunciados constitutivos de um único discurso.

Em outras palavras, em estudos do campo da Comunicação, a exemplo do estudo que dá origem ao presente artigo, não seria possível definir *previamente* as unidades discursivas que compõem o *corpus* em função da eleição de uma formação discursiva específica como foco de atenção, até porque o objetivo desta pesquisa corresponde a traçar definições do que se são os enunciados dos discursos que emergem contemporaneamente, em jornais, a propósito de debates travados, na esfera pública, em torno de políticas de identidade e disputas identitárias.

Isso significa dizer que, em pesquisas que se debruçam sobre a produção midiática e, em particular, sobre a produção jornalística, partimos de *corpora* marcados pelo atravessamento – ou mediação – de formações discursivas profundamente diversas, pois esta é a natureza do jornalismo, entendido não como origem ou fim dos discursos, mas sim, como um *arranjador* de discursos sociais. Em meio a essa intrincada malha discursiva, coloca-se ainda a formação discursiva que alimenta, ela própria, a prática e as instituições jornalísticas.

Não podemos esquivarmo-nos, portanto, do dado que se nos coloca a partir do material empírico: torna-se profundamente difícil, se não impossível, afirmar a existência de *corpora* representativos de formações discursivas únicas ou exclusivas, ao menos quando se trata do estudo das práticas enunciativas produzidas no âmbito dos dispositivos midiáticos. Por esse motivo, a composição de nosso *corpus* parte da delimitação de um contexto de produção discursiva, de modo que possamos, a partir desse recorte, identificar as formações discursivas – no plural, certamente – que aí se afirmam e entram em rota de colisão.

A investigação dos sistemas de restrição que regem as diversas formações discursivas pelas quais os enunciados jornalísticos se vêm atravessados, por sua vez, passa

por procedimentos analíticos que focalizam – nos termos de Maingueneau (2008) – a *semântica global* dos discursos, isto é, consideram simultaneamente e de maneira integrada os diversos *planos* discursivos. Conforme expusemos no item anterior deste artigo, propomos a adoção de quatro categorias analíticas principais capazes se transpor alguns dos conceitos de Análise do Discurso elaborados no quadro do pensamento de Maingueneau (2008) à análise de *corpora* jornalísticos: a) enquadramentos temáticos; b) marcas de intertextualidade; c) representações apresentadas para os grupos sociais focalizados; e d) modos de incorporação do discurso alheio relatado.

Afirmar o caráter compósito de nosso *corpus* de pesquisa é fundamental para reforçar a perspectiva de análise que aqui propomos formular, a saber: identificar as especificidades dos sistemas de restrições que regem as diversas formações discursivas representadas, traduzidas, mediadas pelos enunciados jornalísticos, em um sistema regulado pela sempre irreversível incompreensão entre Mesmo e Outro.

Referências

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2010.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2008.

FRASER, N. “Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça numa era pós-socialista”. Trad. Julio Assis Simões. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 14/15, pp. 231-239, 2006. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/viewFile/50109/54229>>. Acesso em: 28 Abr. 2018.

GINZBURG, C. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras.

GOHN, M. G. **Movimentos sociais no início do século XXI: antigos e novos atores sociais**. Petrópolis: Vozes, 2013.

HALL, S. “Some ‘politically incorrect’ pathways through PC”. In: DUNANT, Sarah (ed.). **The war of the words: the political correctness debate**. London: Virago, 1994, pp. 164-183. Disponível em: <<http://www.ramwan.net/restrepo/hall/some%20politically%20incorrect%20pathways.pdf>>. Acesso em 28 Abr. 2018.

_____. “A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo”. Trad. Ricardo Uebel, Maria Isabel Bujes e Marisa Vorraber Costa. **Educação & Realidade**,

22(2), pp. 15-46, jul./dez.1997. Disponível em:
<<http://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71361>>. Acesso em: 28 Abr. 2018.

MAINGUENEAU, D. **Gênese dos Discursos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

POSSENTI, S. “Apresentação”. In: MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.